

MARAMBAIA: HISTÓRIA, MEMÓRIA E POÉTICA

MARIANE D'AVILA ROSENTHAL¹; EDUARDA AZEVEDO GONÇALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – rosenthal.mariane@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – dudagon@terra.com.br

Resumo: Dentre as ações desenvolvidas pelo grupo de pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas realizou-se uma atividade de visitação *in situ* a localidade do município de Rio Grande (RS) denominada MARAMBAIA, conhecida por ser uma colônia de pescadores, que corresponde a um estreito de terra situado a beira do Canal São Gonçalo, georreferenciada tecnicamente através dos recursos de Geoposicionamento por satélite e Google Maps 31°46'52.4``S e 52°18'48.8``W. Para chegarmos a localidade é necessário se deslocar na rodovia BR 392 em direção ao município de Rio Grande através da ponte Engenheiro Leo Guedes que une as margens do Canal São Gonçalo, utilizar o primeiro retorno e dobrar na primeira estrada a direita, em uma rótula sinalizada como o único destino, identificado como VILA DOS PESCADORES. Esta comunidade é constituída por reduzido número de habitante que lá vivem ou que por lá passeiam sob o domínio de uma paisagem que inclui figueiras centenárias e um casario parcialmente abandonado e até em ruínas, indicativo de que em um tempo não muito remoto foram abrigos e permitiram uma permanência e observação do canal São Gonçalo e do município de Pelotas (RS), sob outro viés ou ângulo histórico carregado de um valor patrimonial histórico que em outro momento assistia o processo de colonização e estabelecimento do município de Pelotas. O deslocamento até a MARAMBAIA foi como se penetrássemos numa obra e recriássemos neste momento a experimentação poética de cada personagem. O objetivo deste artigo consistiu em destacar a relevância histórica da localidade e a importância do deslocamento e a poética do grupo de pesquisa pela elaboração de um livro de artista, denominado MARAMBAIAR.

Palavras-chave: Jean-Baptiste Debret, Canal São Gonçalo, Pelotas

Introdução:

A área de estudo denominada MARAMBAIA encontra-se localizada no município de Rio Grande (RS) e é conhecida como uma colônia de pescadores, que corresponde a um estreito de terra situado a beira do Canal São Gonçalo, georreferenciada tecnicamente através dos recursos de Geoposicionamento por satélite e Google Maps 31°46'52.4``S e 52°18'48.8``W.

Para chegarmos a localidade é necessário se deslocar através da rodovia BR 392 em direção ao município de Rio Grande através da ponte Engenheiro Leo Guedes que une as margens do Canal São Gonçalo, utilizar o primeiro retorno e dobrar na primeira estrada a direita, em uma rótula sinalizada como o único destino, identificado como VILA DOS PESCADORES.

Esta comunidade é constituída por reduzido número de habitantes que lá vivem ou que por lá passeiam sob o domínio de uma paisagem que inclui figueiras

centenárias e um casario parcialmente abandonado e até em ruínas, indicativo de que em um tempo não muito remoto foram abrigos e permitiram uma permanência e observação do canal São Gonçalo e do município de Pelotas (RS), sob outro viés ou ângulo histórico carregado de um valor patrimonial público que em outro momento assistia o processo de colonização e estabelecimento do município de Pelotas. O presente artigo encontra-se subdividido em três momentos, referentes a História, a Memória e a Poética referente a atividade do grupo de pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas (Fig. 1, 2 e 3)



Figura 1. Vista aérea do ponto de acesso a Localidade Estrada da Marambaia
Google maps 31°46'52.4``S e 52°18'48.8``W

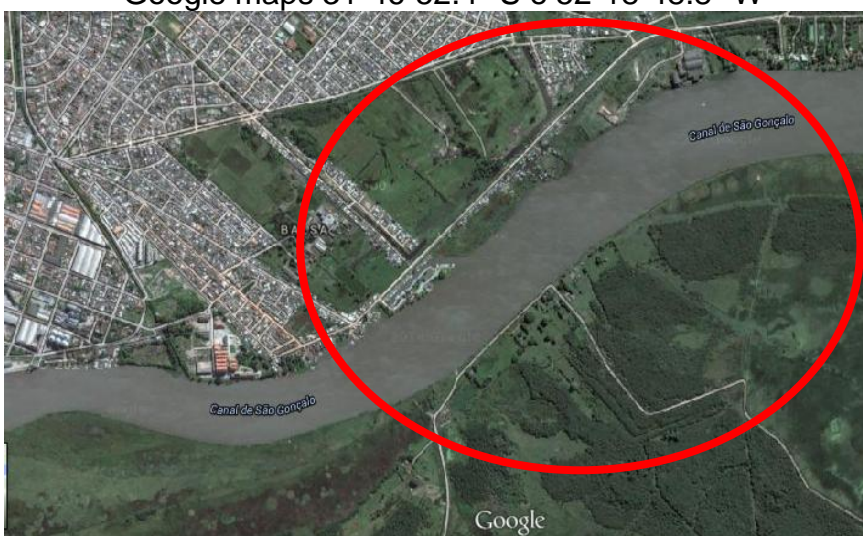


Figura 2. Vista aérea da região Estrada da Marambaia, Canal São Gonçalo e
Engenho Coronel Pedro Osório – Google maps



Figura 3. Vista aérea da região Estrada da Marambaia, Canal São Gonçalo, Engenho Coronel Pedro Osório e Arroio Pelotas – Google maps

Historia

Segundo relatos de alguns autores e pesquisadores é possível destacar que a localidade denominada de MARAMBAIA se apresenta inserida numa região de intensa e marcante importância como área referente a formação estrutural do município de Pelotas (RS) e acontecimentos sociais paralelos. Estes fatos podem assim ser destacados de acordo as obras de artistas viajantes que por aqui passaram e deixaram registros de acordo com a estrutura social e os costumes do período, como por exemplo, a análise iconográfica inserida na obra do artista viajante Jean Baptiste-Debret onde é possível destacar a importância da localidade denominada de MARAMBAIA, circunvizinha a um ponto de trânsito ou comércio de escravos denominada de “Passo do Negros”, hoje conhecida também por essa denominação e “Cascalho”, devido ter sido sede da Charqueada do Cascalho de propriedade do Coronel Pedro Luis da Rocha Osório onde se encontram as edificações remanescentes do imóvel, Engenho Coronel Pedro Osório, a margem direita do Arroio Pelotas.

O Coronel Pedro Osório é a grande figura que encerra o ciclo do charque e abre o ciclo do arroz no sul do Brasil, Até hoje o Rei do Arroz, como o coronel Pedro Osório ficou conhecido no Brasil e no mundo, é referência de empreendedorismo. Um homem que não esperou declinar o ciclo do charque para sair em busca de novas alternativas econômicas. Investiu - e forte - no plantio e beneficiamento do cereal. Era um visionário na zona sul, no final do século XIX. (SEM AUTOR, 3)

CEL. PEDRO OSÓRIO situado à Estrada do Engenho nº 1600, estão cadastradas no Inventário do Patrimônio Histórico e Cultural de Pelotas realizado em parceria com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, 12ª Coordenadoria Regional, devendo ser preservadas; Considerando que o Engenho Cel. Pedro Osório quando em atividade pertenceu ao complexo industrial existente às margens do Canal São Gonçalo, sendo, no início do século XIX, considerado o maior engenho de arroz do Rio Grande do Sul, sendo hoje um patrimônio cultural de Pelotas. (SEM AUTOR 4)

Desta forma, a partir das descrições e das aquarelas produzidas por Debret, pode-se trabalhar a história do surgimento da indústria de carne seca no sul do país, e o surgimento a partir de tais estabelecimentos de uma vila, que mais adiante tomaria proporções de uma cidade que será chamada de Pelotas (SOARES et al, 2012).

SCHLEE (2000) cita que Debret foi um incansável desenhista e aquarelista que ao longo de quinze anos realizou um vasto panorama do Brasil, na passagem da colônia ao Império. Destaca que o artista permaneceu no Brasil por 15 anos percorrendo inclusive o interior, indo até o Rio Grande do Sul (RS), acompanhando D. Pedro I, durante as guerras cisplatinas, intuindo sobre todos os aspectos da realidade complexa aqui estabelecida. Este autor também destaca que de forma realista através da obra “Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil” elaborou relatos da vida nas charqueadas escravistas pelotenses do século XIX, a distribuição espacial reguladora que refletia a estrutura social e o cotidiano de uma charqueada primitiva e que em suas obras era perceptível a dramatização e a movimentação (através das áreas de ação e trabalho), a arquitetura, a organização e a racionalização dos trabalhos.

SCHLEE (2000) em seu artigo cita e interpreta iconograficamente cinco aquarelas que Debret nos legou, de grande importância segundo o autor para quem estuda as charqueadas escravistas pelotenses primitivas do século XIX, entre elas Passo Rico de S. Gonzalez enfatizando em primeiro plano o relato da vida nas charqueadas escravistas pelotenses do século XIX, incluindo a estrutura social, a arquitetura residencial, a organização e a racionalização dos trabalhos. A vida cotidiana pelotense do século XIX referente as charqueadas escravistas engloba a temática centralizada em relações de força do trabalho escravo, costumes dos escravos e dos grandes charqueadores, da pobreza referente a escravidão, cenas da vida cotidiana nas charqueadas, riqueza dos charqueadores (Fig. 4) e uma outra aquarela referente ao “transito” de escravos através do Canal São Gonçalo (Pelota) (fig. 5).

PARADEDA (2013) cita que as margens dos rios Pelotas e São Gonçalo começaram a se estabelecer as primeiras charqueadas (1779-1790) pertencentes ao charqueador José Pinto Martins.

Existiam espalhados pelas terras junto ao núcleo urbano os chamados “arraiais”, ou seja, aglomerados de poucas casas em função de interesses comuns ou das charqueadas, entre eles, o mais importante era o **Passo Rico**, mais tarde chamado **Passo dos Negros**, representado em uma aquarela por Debret, onde o gado atravessava o rio, onde de um lado era o campo, para o outro lado, onde estavam as charqueadas, que naquele passo eram vadeadas. Os charqueadores também tinham que atravessá-lo, pois ou moravam na vila de São Pedro, ou tinham ali a sua sede de exportações, forçados a trânsito contínuo entre ela e seu estabelecimento em Pelotas. Essa travessia era paga, o que gerava muito descontentamento. Antunes Maciel acrescenta que o Passo dos Negros era o arraial mais importante da Freguesia e constava nos arquivos da intendência planta dele, no livro cadastral, com arruamento oficial (PARADEDA, 2013 p.155).

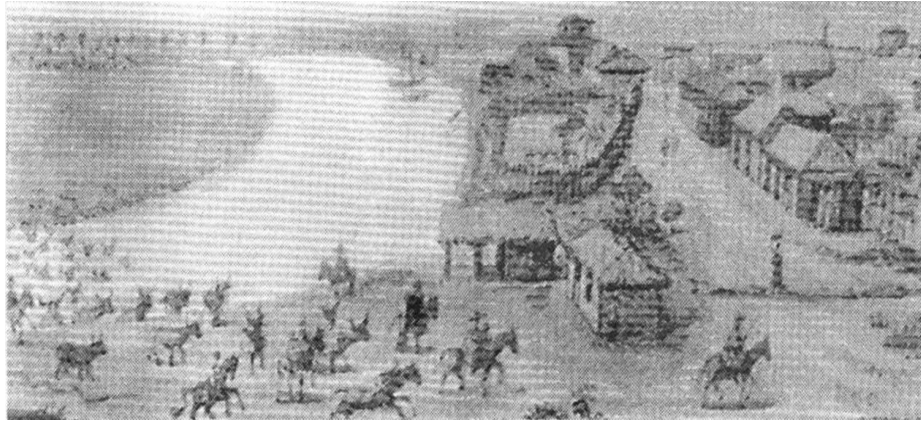


Figura 4. Cenas da vida cotidiana no Passo dos Negros, 1825.

Fonte: (Debret, Jean-Baptiste. Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil, Raimundo de Castro Maia Editor) Original no Museu Castro Maia/IBPC, Rio de Janeiro. (PARADEDA, 2013)

A aquarela intitulada “Passo dos Negros” faz referência ao local em que as tropas de gado destinadas as charqueadas transpassavam o Canal de São Gonçalo e ao processo inverso de transposição do charque para comercialização em outros centros de consumo. Há registro de intenso movimento de canoas, barcos, gado, carruagens e carretas e destaque a arquitetura através das edificações na margem do canal, a mão de obra escrava, aspectos da vegetação nativa incidente, da geografia territorial através de aspectos topográficos e da indumentária dos personagens (Fig. 4).

Rente ao Rio São Gonçalo há um sólido mangueirão, onde se junta o gado que está para atravessar de onde sai uma dupla paliçada tosca que forma uma espécie de caminho conduzindo para dentro do rio até o ponto em que o gado perde o pé [...]. Uma vez transposto o São Gonçalo, encontra-se rumo ao norte e entre o Passo dos Negros e a Lagoa dos Patos, uma vasta extensão de terreno pantanoso, formado pela acumulação dos sedimentos de muitas eras. Em meio destes atoleiros existem várias casas e algumas estâncias, entre as quais a Fazenda de Pelotas, que se diz ocupar dez léguas quadradas (LUCCOCK (1951), citado por PARADEDA (2013)).

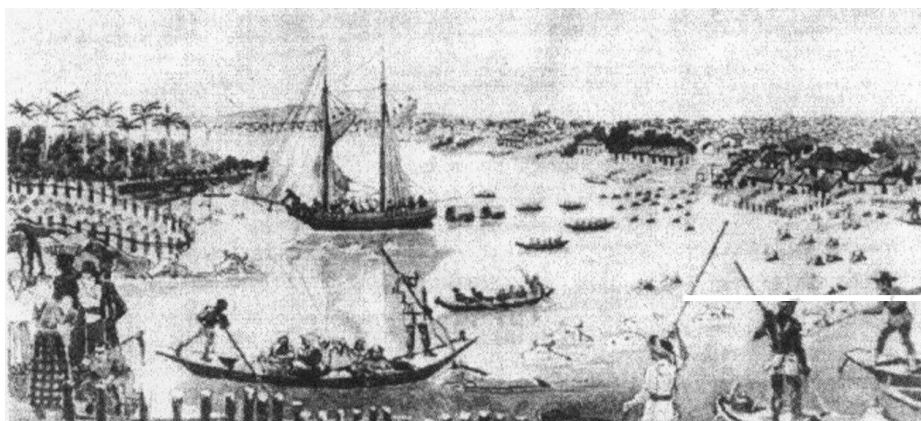


Figura 5. Passo dos Negros. Fonte: Jean-Baptiste Debret, Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil. Tomo I (Vol. II). (PARADEDA,2013)

A cidade não parou de crescer e nesse período tendeu a se aproximar do rio São Gonçalo. Quando foi construído o cais às margens desse rio, com o qual já estava ligada pelo porto onde as embarcações descarregavam as mercadorias. Pelo “Passo Rico ou Passo dos Negros”, subúrbio da cidade, Pelotas já tomara lugar entre as cidades mais asseadamente edificadas do Brasil e poderá ser contada como uma das mais importantes praças de comércio desse período.

Quando transposto o São Gonçalo encontra-se, rumo ao norte entre o Passo dos Negros e a Lagoa dos Patos, uma vasta extensão de terrenos pantanosos, formados pela acumulação de sedimentos de muitas eras (Correio Mercantil, 3 de fevereiro de 1885, citado por MAGALHÃES, 1993, p.32)

Debret, em outra imagem pinta, o que Luccock já havia descrito: o local chamado Passo dos Negros; o vai-e-vem das embarcações na travessia do rio, por onde os negros chegavam para o trabalho escravo nas charqueadas; a vida cotidiana dos peões levando o gado; as negras com seus tabuleiros; as casas do povoado de um lado e a natureza virgem do outro. Debret é sempre realista em relação à paisagem criada e imaginativo em relação à paisagem natural. Na percepção de Debret, as inter-relações sociais constituem essa paisagem, e o espaço não passa de cenário para o encontro (fig. 5).

Esse tráfego intenso, sobretudo de embarcações que se ocupavam em transportar o charque para os portos do Rio Grande e São José do Norte, felizmente não ficou registrado apenas em letra de forma. Foi documentado, e de forma eloquente, numa impressionante aquarela de Debret, que, embora sem assinatura e sem data, é certamente do primeiro quartel do século XIX. Retrata o passo dos Negros – também chamado Passo Rico – no São Gonçalo, e chega a surpreender pela movimentação que sugere: estão ali fixados um grande número de barcos, de animais, de famílias, de peões livre e de escravos que traficavam na década de 1820 ao longo daquela improvisada alfândega rio-grandense (MAGALHÃES, 1993, P. 35).

Memória:

Com o deslocamento do grupo de pesquisa até a localidade denominada MARAMBAIA, proporcionou um resgate de momentos relacionado a pessoas que viveram ou vivem uma experiência de vida naquele local em outros períodos, constituindo uma série de depoimentos que chamei de “Lugares de Memória” Foram depoentes, Gilney Rosenthal (Meu pai, aposentado, visitante), Sr. Ulisses (operário e morador da localidade) e Eduarda Azevedo Gonçalves (Professora, Artista Plástica e visitante) (Fig. 6).

A partir dos registros fotográficos por mim realizados e da análise visual de cada um desses registros e conversando com meu pai, foi possível obter uma série de informações, incluindo o relato da existência da relação histórica da localidade visitada com o Engenho Coronel Pedro Osório e o Passo dos Negros (Fig. 7) através da paisagem. Relata que quando criança costumava se deslocar com familiares até a localidade e banhar-se nas águas do São Gonçalo e lembra que os mais antigos

diziam que naquela localidade era realizada tanto a travessia de escravos quanto de animais. Cita que na beira do Rio São Gonçalo existia uma determinada edificação (de acesso restrito, de natureza particular) em formato quadrado que chamavam de “sutéia” com aproximadamente 50m² onde permaneciam os escravos que vinham do município de Rio Grande (RS). Conta também que no local do Engenho existiu uma importante charqueada, denominada “Charqueada do Engenho” e que depois foi substituída pela implantação de uma área pioneira da orizicultura no Rio grande do Sul e conseqüentemente do primeiro polo beneficiador de arroz.

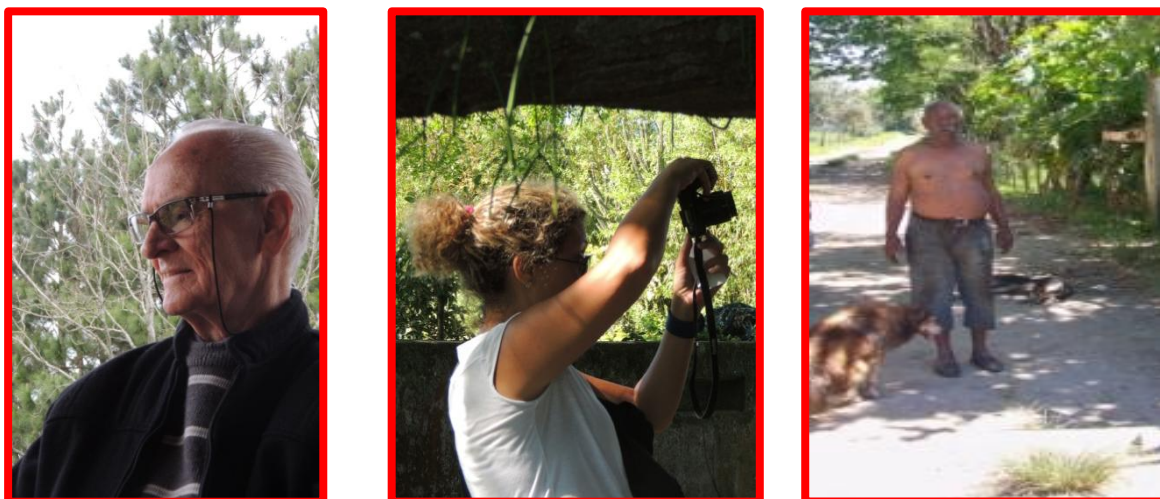


Figura 6. Depoentes Gilney Rosenthal, Eduarda Azevedo Gonçalves e Sr. Ulisses “Lugares Memória” da localidade da MARAMBAIA (fotos das Autoras, 2014)

Continuando a observação dos registros comenta que a presença da “Leitaria” (Fig. 8) (também de natureza particular já existia durante sua infância) e suas figueiras centenárias adjacentes, assim como a “Casa cor de rosa” (Fig. 9) hoje em ruínas decorrente de enchentes no Rio São Gonçalo que acabaram atingindo a construção, fazendo com que a mesma não resistisse a intempérie.



Figura 7. Vista do Engenho Coronel Pedro Osório, a partir da localidade da

MARAMBAIA (fotos da Autora, 2014)



Figura 8. Vista da “Leitaria” e suas figueiras centenárias, a partir da localidade da MARAMBAIA (fotos da Autora, 2014)

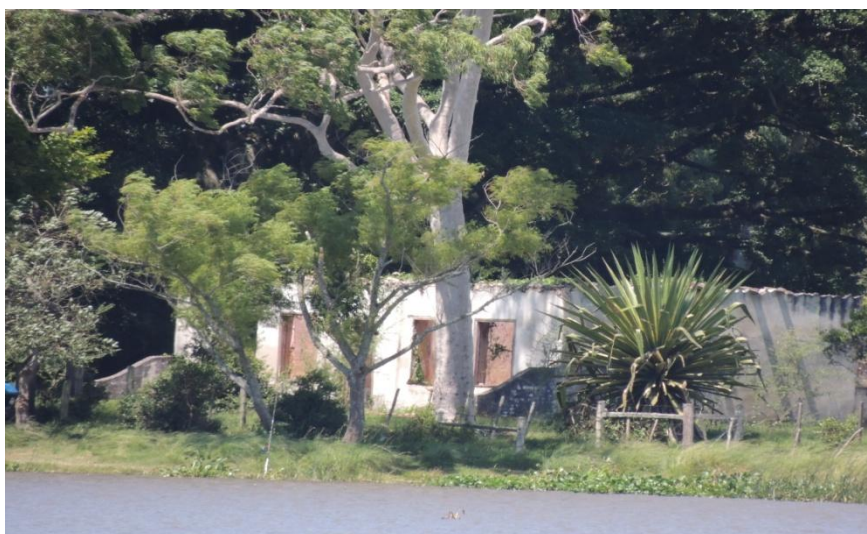




Figura 9. Vista da “Casa cor de rosa” centenárias, a partir da localidade da MARAMBAIA (fotos da Autora, 2014)

O Sr. Ulisses morador de longa data na localidade rememora contando sua infância, seu trabalho e o atual momento da então assim denominada hoje “Vila dos pescadores, que conta com poucos moradores que ali chegaram e se estabeleceram ao acaso, algumas residências particulares desabitadas e não mais carrega o nome de MARAMBAIA, sendo conhecida como “VILA DE PESCADORES”.

A professora e artista plástica Eduarda Azevedo Gonçalves rememora seus tempos de infância e adolescência quando usufruía da paisagem local nos períodos de férias e finais de semana na residência de parentes na localidade. Relata que era um período de lazer e descanso junto a seus familiares e que hoje se encontra em situação de abandono frente a observação de residências desabitadas e um numero reduzido de transeuntes.

Poética

Dentre as ações desenvolvidas pelo grupo de pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas realizou-se uma atividade de visita *in situ* a localidade, constituindo-se em um piquenique cultural onde foi possível a obtenção de registros fotográficos durante o período de permanência, que atualmente estão sendo organizados na forma de um livro de artista denominado “MARAMBAIAR”, a partir do deslocamento e cartografia de cada envolvido e também de acordo com a poética de cada participante.

Referências consultadas:

ANTUNES, Cristina. Disponível em <<http://www.bbm.usp.br/node/68>> acesso em 05/06/2014

LIMA, Valeria. **J. B. Debret, historiador e pintor. A viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1816-1839)**. UNICAMP, 2007, 328p.

LUCCOCK, John. Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil, tomadas durante uma estada de 10 anos nesse país de 1808 a 1818. São Paulo: Martins Fontes, 1951.

MAGALHÃES, M. O. **Opulencia e cultura na província de São Pedro do Rio grande do Sul**, dissertação de mestrado, Florianópolis, 257p. 1993 <file:///C:/Users/Acer/Downloads/91434.pdf> acesso em 15/10/2014.

PARADEDA, M. R. **Arquitetura da paisagem e modernidade: Um estudo sobre representações e memória das praças de pelotas (1860-1930)**, dissertação de mestrado, Porto Alegre, 349p. 2003, acesso em 15/04/2014.

PICCOLI, Valeria. **O Brasil na viagem pitoresca e histórica de Debret**. I Encontro de Historia da Arte – IFCH / UNICAMP 2005

PICCOLI, Valéria. O Brasil na Viagem Pitoresca e Histórica de Debret. 1920, Rio de Janeiro, v.II, n. 1, jan. 2007. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/obras/obras_debret_vp.htm> acesso em 24/06/2014

SCHLEE, Andrey Rosenthal. Disponível em <<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/824>> acesso em 12/06/2014

Sem autor 1. Disponível em <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00624520#page/152/mode/2up>> acesso em 20/06/2014

Sem autor 2. Disponível em <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/#!/tipo=termos-e-conceitos&categoria=artes-visuais&q=neoclassico>> acesso em 10/07/2014

Sem autor 3. Disponível em <<http://www.vivaocharque.com.br/personagens/pedroosorio.php>> acesso em 15/10/2014.

Sem autor 4. Disponível em <http://www.pelotas.rs.gov.br/interesse_legislacao/decretos/2010/decreto_5259.pdf> acesso em 15/10/2014

SOARES, Tamires; MONTEIRO, Ubirajara; ARRIADA, Eduardo **O uso das aquarelas de Debret para trabalhar historia regional: o caso de Pelotas** Aedos n. 11 vol. 4 - Set. 2012

TRINDADE, JAELSON BRITAN. Disponível em <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/perspectiva/o-fantasma-de-debret>> acesso em 01/06/2014

VALLE, Arthur; DAZZI, Camila; PORTELLA, Isabel (Org.). Oitocentos: Intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal, Tomo III – Seropédica, RJ: Ed. Da UFRRJ, 2013.II. 587p.

ZANINI, Walter, **Historia geral da arte no Brasil**. V.1, Instituto Walter Moreira Salles, Fundação Djalma Guimarães, São Paulo, 1983, 490p.